

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA

JOÃO MARCELO SOUZA E SILVA

**O MEDO NA ESTANTE: REPRESENTAÇÃO DO MEDO NA LITERATURA
INFANTIL**

MARIANA

Outubro 2024

JOÃO MARCELO SOUZA E SILVA

**O medo na estante:
representação do medo na literatura infantil**

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade Federal de Ouro
Preto como requisito parcial para obtenção do
título de graduado em Pedagogia.

Orientação: Profa. Dra. Ivanete Bernardino
Soares

MARIANA

Outubro 2024

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S586m Silva, João Marcelo Souza e.
O medo na estante [manuscrito]: representação do medo na literatura infantil. / João Marcelo Souza e Silva. - 2024.
24 f.: il.: color., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Ivanete Bernardino Soares.
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Pedagogia .

1. Medo na literatura. 2. Literatura infantojuvenil. 3. Infância na literatura. I. Soares, Ivanete Bernardino. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 82-93

Bibliotecário(a) Responsável: ELIANE APOLINARIO VIEIRA AVELAR - CRB6/3044



FOLHA DE APROVAÇÃO

João Marcelo Souza e Silva

O medo na estante: representação do medo na literatura infantil

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Pedagogia

Aprovada em 12 de outubro de 2024

Membros da banca

Profa. Dra. Ivanete Bernardino Soares - Orientadora (DELET - Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos - (DEEDU - Universidade Federal de Ouro Preto)

Ivanete Bernardino Soares, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 16/12/2024



Documento assinado eletronicamente por **Ivanete Bernardino Soares, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/12/2024, às 10:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0829124** e o código CRC **A5801C0C**.

RESUMO

Este trabalho se propôs a analisar a representação do medo na literatura infantil usando, como base, os livros *Chapeuzinho Vermelho* (Perrault, escrita em 1687) e *Chapeuzinho Amarelo* (Buarque, escrito em 1978). Para tal, a metodologia adotada foi a bibliográfica-qualitativa ilustrativa por ser a ferramenta que melhor compreende o objeto de pesquisa e suporta suas devidas análises. Foi descoberto, portanto, que o medo é uma importante ferramenta para o desenvolvimento emocional da criança. Perrault, espelhando a sociedade europeia em que vivia, utilizou essa emoção como uma ferramenta de controle dos indivíduos. Buarque, por sua vez, o desconstruiu em forma de superação: a criança da sociedade atual deve aprender a lidar com o mundo de maneira inteligente e racional, foi criada para não sentir medo do monstro debaixo da cama. Diante do exposto, esta pesquisa destaca o relevante papel da literatura infantil na formação das crianças, pois tem um papel educativo ao proporcionar experiências múltiplas aos seus leitores.

Palavras-chave: Representações do Medo. Literatura Infantil. Infância.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the representation of fear in children's literature, focusing on the books *Little Red Riding Hood* (Perrault, 1687) and *Little Yellow Riding Hood* (Buarque, 1978). The methodology employed was a bibliographic-qualitative illustrative approach, as it effectively encompasses the research object and supports the necessary analyses. It was found that fear serves as an important tool for children's emotional development. Perrault, reflecting the European society of his time, utilized this emotion as a means of social control. In contrast, Buarque deconstructs this notion through the lens of overcoming: the modern child is taught to navigate the world intelligently and rationally, raised not to fear the monster under the bed. In light of these findings, this research underscores the significant role of children's literature in child development, as it provides educational value by offering diverse experiences to its readers.

Key-words: Representations of Fear. Children's Literature. Childhood.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados do desenvolvimento infantil.....	9
--	---

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Primeiro contato Chapeuzinho com o Lobo.....	14
Figura 2 – Chapeuzinho e Lobo na cama da Vovó	15
Figura 3 – Chapeuzinho com medo.....	16
Figura 4 – Chapeuzinho perde medo do Lobo.....	17
Figura 5 – Lobo se transformando em bolo.....	17

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 O MEDO NA INFÂNCIA	9
3 O MEDO NA ESTANTE: A REPRESENTAÇÃO DO MEDO NA LITERATURA INFANTIL	12
4 CONCLUSÃO	20

1 INTRODUÇÃO

Este estudo¹ irá analisar como o medo é representado na literatura infantil, tendo como foco as obras *Chapeuzinho Vermelho* de Charles Perrault, escrita em 1697 (aqui, utilizarei a edição de 2006), e *Chapeuzinho Amarelo* de Chico Buarque, escrita em 1978 (será usada a versão de 1998). Ambos os contos retratam o medo de formas distintas pois são ambientados em contextos sociais diferentes. Há uma expressiva distância temporal e cultural entre eles, visto que a sociedade europeia do século XVII se diverge da brasileira no século XX. Isso ocorre porque a literatura tem a capacidade de emular símbolos convencionais de cada sociedade, afetando, portanto, a maneira com a qual os indivíduos que a ocupam experienciam o mundo. Nota-se, portanto, que cada narrativa está permeada de elementos culturais pelos quais os autores se familiarizam, afetando, significativamente, a maneira com a qual o medo se materializa.

Antes de abordarmos a literatura infantil, é fundamental discutir a noção de infância. Historicamente, essa fase da vida não tinha uma definição clara, Ariés (1978) menciona que, até por volta do século XII, a arte medieval não reconhecia a infância ou não a representava. De acordo com o autor, na Idade Média a infância era vista como um período marcado pela inexperiência, dependência e pela incapacidade de atender a demandas sociais mais complexas, as crianças eram vistas como pequenos adultos, sem uma distinção evidente entre os universos infantil e adulto. No entanto, é essencial reconhecer que esse conceito variou ao longo do tempo, sendo moldado pelas transformações sociais e políticas de cada período, conforme o contexto social em que a criança estava inserida. Na sociedade europeia, por exemplo, a percepção da infância era distinta da visão encontrada em culturas indígenas, já que tais sociedades se organizam de formas diferentes.

A Europa passava por um período de industrialização, quando houve uma grande ocupação das áreas urbanas devido ao êxodo rural que aconteceu durante o período, tendo muitos trabalhadores deixando o meio rural e migrando para o meio urbano em busca de trabalho. De acordo com Guimarães (2017), a ocupação da época se deu de forma desordenada, por conta da exploração burguesa sobre as classes menos favorecidas, refletindo as diferenças sociais. Com isso, o sentimento de família começa a mudar e simultaneamente cresce uma preocupação com a criança. Ariès (1978) afirma que a partir do século XVIII as crianças

¹ Este estudo toma como base a pesquisa desenvolvida pelo próprio autor no âmbito da iniciação científica, intitulada *Entre páginas e pesadelos: a representação do medo na literatura infantil*, realizada entre março de 2024 e março de 2025 sob a orientação da Profa. Dra. Ivanete Bernardino Soares.

passaram a ser reconhecidas em suas particularidades, rompendo-se da caracterização de “pequenos adultos” que lhes foi imposta.

Nesse cenário, com o advento das transformações sociais no âmbito da burguesia, emergiu a necessidade de se preparar as crianças para os papéis que desempenhariam na sociedade adulta. Essa mudança, conforme Santos e Teixeira (2021, p. 170) apontam, configurou-se como "um elemento chave para o desenvolvimento das futuras gerações". Assim sendo, a valorização da infância passou a se expressar não apenas pela distinção entre crianças e adultos, mas também pela oferta de uma educação direcionada aos futuros herdeiros, o que levou as famílias nobres a investirem significativamente na formação de seus descendentes. Nesse contexto, a literatura infantil, assim como as demais expressões artísticas e literárias, assume um papel central na formação do ser humano, contribuindo de maneira decisiva para o desenvolvimento integral da criança (Pires, 1985).

No que se refere à literatura infantil, esta, conforme Azevedo (1999), começa a se consolidar a partir do século XVII, impulsionada pela reorganização e reestruturação do sistema educacional burguês, passando a refletir novos padrões sociais e culturais. Diante disso, a burguesia continuava a concentrar poder em seu meio, enquanto explorava as camadas mais pobres. As crianças da nobreza, orientadas por preceptores, tinham acesso privilegiado aos clássicos, enquanto as crianças das classes populares absorviam elementos culturais principalmente por meio do folclore, sem o mesmo acesso à leitura. Essa valorização da infância resultou em maior coesão familiar e na intensificação do controle sobre o desenvolvimento intelectual e emocional das crianças (Zilberman, 1985).

Alguns autores, como Coelho (1991) Santos e Teixeira (2021), apontam que os primeiros indícios da literatura infantil surgiram por meio da adaptação de textos originalmente destinados ao público adulto, ajustando clássicos literários e aproximando o folclore dos contos de fadas para atender às necessidades das crianças. Essas histórias, frequentemente associadas ao fantástico, estabeleciam a literatura como uma fonte de valor histórico e social. Contudo, identificar a verdadeira origem dessas produções infantis é uma tarefa complexa. Para Santos e Teixeira (2021), é certo que essas narrativas já existiam há séculos na tradição oral de diversas culturas. Por sua vez, pesquisadores como Coelho (1991) indicam que tais práticas remontam a períodos anteriores a Cristo, com registros no século V na Índia, onde a tradição oral desempenhava um papel central. Posteriormente, no século VI, essas histórias foram traduzidas pelos persas, sendo um dos primeiros registros o conto *Pantcha-Tantra*, composto por cinco livros escritos a pedido de um rei para seus filhos, com o objetivo de estimular o interesse pela cultura, política e ciência (Guimarães, 2010).

No Brasil, a literatura infantil começou a ganhar destaque no final do século XIX, inicialmente caracterizada por obras pedagógicas e adaptações de textos portugueses, conforme ressalta Santos e Teixeira (2021). Ao longo do tempo, essa literatura evoluiu de maneira significativa, diversificando-se e incorporando elementos culturais e linguísticos próprios, à medida que o país desenvolvia uma identidade literária mais sólida. Cademartori (1986) afirma que, a partir do século XX, autores como Monteiro Lobato trouxeram uma transformação na narrativa infantil, introduzindo uma abordagem mais lúdica e criativa, que refletia a diversidade cultural e a riqueza do Brasil. Desse modo, a literatura infantil brasileira passou a desempenhar um papel relevante na formação da identidade cultural das novas gerações.

Em conclusão, é pertinente mencionar as motivações que me fizeram escolher este objeto de estudo. Durante minha formação em Pedagogia na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), tive a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos em literatura infantil por meio da disciplina “Letramento e Língua Portuguesa I: Literatura Infantil”, ofertada no 4º período com uma carga horária de 60 horas. Durante as aulas, a discussão sobre a abordagem de temas sensíveis em livros infantis despertou meu interesse pela temática do medo. Ao analisar e discutir as narrativas e suas representações, percebi como o medo é retratado e explorado na literatura voltada para crianças. Além disso, a disciplina de “Fundamentos Pedagógicos da Educação Infantil” também apresentou obras de literatura infantil que, apesar de estarem relacionadas aos temas abordados no curso, não trataram diretamente do medo. Esse contato com a literatura infantil reforçou a importância de investigar como o medo é tratado nas histórias para crianças, levando à escolha deste tema para minha pesquisa.

Em síntese, o objetivo geral é investigar as implicações do medo na literatura infantil e sua influência no desenvolvimento emocional e nas habilidades de enfrentamento das crianças. Para alcançar tal objetivo, a pesquisa busca analisar as estratégias narrativas e a diversidade de representações do medo, levando em consideração aspectos relacionados à linguagem, imagens e atmosfera. A metodologia adotada consiste em uma revisão bibliográfica, seguida da seleção e análise de duas obras literárias representativas da discussão desenvolvida, em caráter qualitativo e ilustrativo. O artigo está estruturado em dois eixos principais: o primeiro discute o medo na infância, enquanto o segundo examina a representação do medo nas obras infantis selecionadas. Essa organização proporciona uma análise ampla do impacto da literatura infantil sobre as emoções e o desenvolvimento infantil.

2 O MEDO NA INFÂNCIA

De acordo com Baptista, Carvalho e Lory (2005, p. 268), "o medo é considerado uma emoção básica, fundamental, discreta, presente em todas as idades, culturas, raças ou espécies". Trata-se de uma das emoções mais antigas vivenciadas pela humanidade, possuindo, assim como outras emoções, subjetividades e particularidades próprias. Solomon (1995) observa que, inicialmente, esse sentimento foi concebido como uma experiência exterior ao indivíduo, desempenhando um papel significativo na definição do destino pessoal e coletivo. No entanto, essa visão evoluiu ao longo do tempo e entre diferentes culturas, dando origem a concepções alternativas, como a ideia de que o medo é uma construção interna, moldada pelas crenças do sujeito em relação ao objeto temido. Conseqüentemente, a forma como cada pessoa reage a ele e o tipo de medo que experimenta variam conforme suas particularidades e experiências individuais.

Essa perspectiva torna-se particularmente relevante ao considerar as diversas realidades sociais, especialmente em países em desenvolvimento, onde a desigualdade social é acentuada. Em algumas dessas realidades, as crianças desfrutam de uma infância protegida, enquanto em outras, elas assumem responsabilidades de adultos desde cedo, como trabalhar para garantir a subsistência da família, sacrificando assim a infância. Nessas condições, as questões socioeconômicas têm um impacto profundo na forma, na natureza e na intensidade dos medos infantis. Storch (2016) reforça essa ideia ao afirmar que a manifestação do medo é moldada pela cultura a que o indivíduo pertence, sendo resultado da aprendizagem social.

O desenvolvimento emocional infantil ocorre em diferentes etapas, variando conforme as faixas etárias, e as emoções começam a se manifestar desde o nascimento. Em cada fase, diferentes emoções, incluindo o medo, emergem. Rothbart (1994) sugere que bebês a partir de quatro meses já apresentam aversões, enquanto outros autores, como Baptista, Carvalho e Lory (2005), argumentam que essas emoções começam a se desenvolver nos primeiros anos de vida. Abaixo, a tabela 1 irá apresentar, com base no estudo de Paiva (2014) os principais dados do desenvolvimento infantil com relação ao medo:

Tabela 1 – Dados do desenvolvimento infantil

IDADE	DADOS DO DESENVOLVIMENTO	MEDOS COMUNS
0 a 6 meses	Regulação biológica	Estímulos ruidosos

		Perda de apoio
6 a 18 meses	Permanência do objeto Formação de relações de vinculação	Pessoas e situações estranhas Ansiedade de separação Alturas
2 a 3 anos	Exploração do mundo Individuação e Autonomia	Animais Objetos grandes
3 a 6 anos	Autoconfiança Iniciativa Desenvolvimento do pensamento e representação simbólica	Escuro Máscaras Tempestades Ausência dos pais
6 a 10 anos	Sentido de dinamismo ou competência Ajustamento à escola	Criaturas imaginárias Preocupação com ferimentos Perigo físico Escola Sobrenatural
10 a 12 anos	Compreensão social Amizades com o mesmo gênero	Preocupação com as amizades Aparência física Morte
13 anos ou mais	Perspectiva do mundo Início das relações sexuais Emancipação Identidade	Preocupação com as relações sexuais Independência e planos de vida Receio de falhar Rejeição

Fonte: Retirado e adaptado de Paiva (2014).

Segundo Wallon (1947), trata-se de um processo contínuo, caracterizado por avanços e retrocessos, uma vez que cada fase da vida da criança é influenciada por suas interações com o meio externo e pelos contextos sociais em que está inserida. Em geral, os medos evoluem conforme a faixa etária da criança, sendo o primeiro ano de vida particularmente crucial para o desenvolvimento emocional, pois é quando a criança estabelece relações emocionais com o ambiente ao seu redor. Durante esse período inicial, a criança está começando a se formar enquanto sujeito, desenvolvendo vínculos afetivos essenciais com seus cuidadores.

Paiva (2014) observa que, do primeiro ao terceiro ano de vida, a relação da criança com o mundo torna-se mais física e experimental. Nessa fase, a criança explora ativamente o ambiente, utilizando os sentidos e movimentos para entender e interagir com o mundo ao seu redor. A autora destaca que, por volta dos dois anos, mesmo com uma capacidade linguística ainda em desenvolvimento, a criança já é capaz de nomear e identificar emoções. Dos três aos seis anos, a consciência da criança começa a se formar de maneira mais estruturada,

principalmente através de interações sociais. É nesse período que ela começa a compreender e internalizar normas, valores e comportamentos, desenvolvendo habilidades sociais e emocionais mais complexas.

A partir dos seis anos, com uma evolução significativa em seu desenvolvimento intelectual, a criança demonstra um interesse crescente pelo mundo externo. Essa curiosidade e desejo de aprender refletem uma maior capacidade de raciocínio e compreensão, que são fortalecidas pelas experiências e aprendizados adquiridos em suas interações com o ambiente e as pessoas ao seu redor. Paiva (2014) destaca que um dos marcos mais importantes desse período é o início do ensino primário, quando a criança é forçada a aumentar suas competências linguísticas e verbais, o que contribui para a autorregulação e a avaliação que faz de si mesma.

No imaginário coletivo, a criança é frequentemente percebida como um ser frágil, e o medo é visto como uma ameaça a essa fragilidade. Em decorrência disso, há uma tendência de proteger a criança de enfrentar e experimentar esses sentimentos. No entanto, é crucial permitir que as crianças vivenciem essas emoções, com as intervenções apropriadas, para evitar que o medo evolua para uma fobia (Andrade; Rodrigues; Cercado, 2000). Assim, elas passam por diversas etapas do desenvolvimento emocional, com diferentes manifestações de medo emergindo em cada fase.

Para alguns, o medo pode estar associado ao sentimento de fraqueza, enquanto para outros, pode representar uma forma de sobrevivência. Nesse contexto, Storch (2017, p. 35) afirma que o medo "só aparece quando a criança tem a necessidade dele, para evitar correr muitos riscos". Embora essa emoção nos acompanhe ao longo da vida, sua intensidade tende a diminuir com o tempo, conforme indicado por Baptista, Carvalho e Lory (2005). Os autores sugerem que ela deve ser compreendida como um programa genético que é moldado pelo ambiente, podendo ser atenuado ou intensificado por meio de processos de habituação ou sensibilização. Apesar da redução com o crescimento, o medo permanece presente e evolui com o desenvolvimento individual. Diante do exposto, a próxima seção irá abordar a análise do medo nas obras selecionadas para este estudo.

3 O MEDO NA ESTANTE: A REPRESENTAÇÃO DO MEDO NA LITERATURA INFANTIL

No contexto da literatura infantil, o medo desempenha diversas funções ao longo de sua presença, sendo retratado de várias maneiras e com propósitos distintos, indo além de simplesmente provocar pavor ou desconforto. Segundo Vygotsky (1999), o distanciamento do aspecto externo e aparente da realidade, permite o desenvolvimento de processos cognitivos mais complexos, enriquecendo a compreensão da realidade. Nesse sentido, o medo não serve apenas como um elemento de suspense ou um obstáculo narrativo, mas também como uma ferramenta pedagógica que auxilia os jovens leitores a enfrentar e compreender suas próprias ansiedades.

Conforme Bettelheim (1998), os contos de fadas desempenham um papel essencial no desenvolvimento emocional das crianças, as ensinando a lidar e achar solução para aquele problema. Esses contos orientam as crianças sobre o caminho a seguir e como fazê-lo, utilizando material fantasioso que permite à criança moldar a narrativa de acordo com sua própria percepção e experiência. Assim, as imagens representadas nos contos ajudam a criança a compreender aspectos fundamentais que precisam ser internalizados.

Nesse cenário, outro principal elemento envolve a ambientação da narrativa – usados para que seja mais fácil visualizar a construção das cenas e dos acontecimentos, pois o medo é, também, visual. Através da representação de cenários assustadores e personagens ameaçadores na literatura infantil, as crianças têm a oportunidade de explorar e processar seus medos de maneira segura e controlada, facilitando a construção de estratégias de enfrentamento e a maturação emocional. Além disso, a maneira como essa emoção é abordada nos livros infantis pode refletir e influenciar a percepção das crianças sobre suas experiências de vida reais, promovendo uma compreensão mais profunda e uma relação mais madura com as complexidades do meio social em que estão inseridas pois

Assim sendo, os contos de fadas atendem a uma necessidade fundamental na infância ao se alinharem com o estado emocional da criança e ao oferecerem direções implícitas sobre o caminho a seguir e as estratégias para tal. Eles desempenham esse papel por meio de um material imaginativo que permite à criança moldá-lo de acordo com suas próprias percepções e necessidades, bem como por meio de representações simbólicas que facilitam a compreensão dos conceitos essenciais (Bettelheim, 1998 p. 152-153).

Essa capacidade dos contos de fadas de ressoar com o universo emocional infantil e de oferecer um meio de interpretação da realidade pode ser vista como uma estratégia pedagógica

intrínseca à narrativa. Ao utilizar elementos fantásticos, esses contos proporcionam um espaço seguro em que as crianças podem explorar e entender suas emoções e desafios. Portanto, a narrativa simbólica não apenas oferece uma forma de lidar com questões complexas, mas também encoraja a criatividade e a autoexpressão. Dessa forma, essas narrativas não são apenas histórias para entreter, mas ferramentas educacionais profundas que auxiliam no desenvolvimento emocional e psicológico das crianças, promovendo um ambiente de crescimento que vai além da simples diversão.

A partir dessa perspectiva, as análises dos livros *Chapeuzinho Vermelho* e *Chapeuzinho Amarelo* revelam as diferentes formas de representação do medo e como podem influenciar a compreensão das emoções infantis. Enquanto o primeiro, tradicionalmente, aborda temas como a obediência e o perigo do desconhecido, o segundo inverte essa narrativa, focando nas questões de medo e coragem de forma mais lúdica e acessível. Essas obras, embora partam de estruturas semelhantes, oferecem diferentes mensagens e reflexões sobre o impacto emocional da criança. Através dessas análises, é possível observar como cada história se conecta ao desenvolvimento infantil, servindo como espelhos de suas próprias vivências e as auxiliando a experimentar emoções e descobertas.

Em *Chapeuzinho Vermelho* (Perrault, 2010), a construção do medo ocorre através do enredo e dos elementos que o permeiam. A história narra um dia na vida de uma menina que, ao levar uma cesta de bolinhos e manteiga para a casa de sua avó. Por se passar na sociedade do século XVII, é uma versão marcada por valores morais e advertências que refletem a época. A versão de 1867, ilustrada por Gustave Dorè traz ilustrações em preto e branco e que dialogam com os relatos de Perrault. Com isso, trouxe uma nova dimensão à narrativa, oferecendo uma visualização que acentua os elementos sombrios da história. Canton (2009) ressalta que, na sociedade francesa da época, narrar ou recontar histórias para as crianças era uma forma de ensinar boas maneiras, especialmente às meninas.

Dorè, renomado por suas ilustrações evocativas e detalhadas, trouxe uma nova dimensão à narrativa, oferecendo uma visualização rica que acentuava tanto o charme quanto os elementos sombrios da história. Assim, suas ilustrações ajudavam a intensificar o simbolismo e a carga emocional da narrativa, refletindo as preocupações de uma sociedade em transição e as complexidades da infância. Diante disso, a obra de Dorè se torna uma importante janela para entendermos as interpretações contemporâneas de *Chapeuzinho Vermelho*, destacando as tensões entre inocência e perigo, obediência e rebeldia.

Além das diferenças de contextos históricos e de narrativa de ambas as histórias, a cor do chapéu é outra delas. O chapéu de uma é vermelho, cor que representa o desejo,

revelando uma transição simbólica do mundo infantil para o conhecimento da sexualidade adulta, em que a inocência da criança enfrenta os desafios do despertar de desejos inconscientes:

[...] o vermelho é a cor que simboliza as emoções violentas, incluindo as sexuais. O chapéu de veludo vermelho dado pela avó a Chapeuzinho Vermelho pode então ser visto como símbolo de uma transferência prematura de atratividade sexual, que é ainda mais acentuada pelo fato de a avó ser velha e doente, demasiado fraca até para abrir uma porta (Bettelheim, 1998, p. 240-241).

Diante do exposto, o autor aponta que a representação de Chapeuzinho, ao se desviar do caminho e ceder à conversa do lobo, demonstra a luta contra as dificuldades pré-púberes, refletindo conflitos edípicos não resolvidos. Assim, “o fato de ela depois ser devorada representa um castigo por ter arranjado as coisas de modo que o lobo eliminasse uma figura materna” (Bettelheim, 1998, p. 96), que neste caso é a avó. Por sua vez, as ilustrações de Dorè acompanham a narrativa com um simbolismo rico, onde a floresta densa não apenas representa um desejo incontrolável, mas também um espaço de perigos e descobertas (Menezes, 2010).

Figura 1 – Primeiro contato Chapeuzinho com o Lobo



Fonte: Encantamentos da Literatura, 2009.

Figura 2 – Chapeuzinho e Lobo na cama da Vovó



Fonte: Encantamentos da Literatura, 2009.

Assim sendo, em suas gravuras, o artista destaca o contraste entre a doçura de Chapeuzinho e a ameaça do lobo, encapsulando visualmente a tensão entre inocência e os riscos da desobediência. Portanto, as imagens complementam a narrativa, intensificando a experiência emocional e a complexidade dos temas psicanalíticos presentes no conto.

Opondo-se a *Chapeuzinho Vermelho*, *Chapeuzinho Amarelo* tem um enredo particular: uma história sendo adaptada para os costumes e visões da sociedade brasileira do século XX. Escrita por Chico Buarque, foi publicada em um contexto cultural e social rico, durante a década de 1980 no Brasil, um período marcado pela redemocratização e por intensas transformações na arte e na literatura. O cartunista brasileiro Ziraldo, ilustra a reedição de 1997 com imagens bastante coloridas e óbvias, se diferenciando das ilustrações sombrias de Doré. No período em que foi escrita, o país buscava reconstruir sua identidade após anos de repressão. Logo no início da narrativa nos é revelado que Chapeuzinho tinha um medo paralisante do lobo:

Figura 3 – Chapeuzinho com medo



Fonte: Buarque, 2006, p. 4.

Entretanto, o desconstrói ao longo do enredo. Trata-se, também, de uma reinterpretação significativa da clássica narrativa de *Chapeuzinho Vermelho*, operando uma mudança radical nas posições de poder e nos símbolos de medo presentes no discurso original. Nessa versão, a cor do chapéu muda para amarela, simbolizando uma aproximação da morte (Chevalier; Gheerbrant, 2009). Pelo fato de *Chapeuzinho Amarelo* ter medo de tudo e isso a impedia de viver fora de sua zona de conforto, fazendo-a escrava de seus temores, trazendo à realidade seus pesadelos mais íntimos.

Assim, “as tradicionais posições-sujeito do Lobo e de Chapeuzinho sofrem uma reversão total em função da mudança de sentido do medo” (Bonotto, 2003, p. 55). Para o autor, tal inversão não se limita a uma simples paradeira, mas sim à emergência de uma nova polissemia que fundamentalmente altera a interpretação da história, resultando em um discurso lúdico que subverte expectativas e promove a criatividade em oposição à repetição de sentidos estabelecidos.

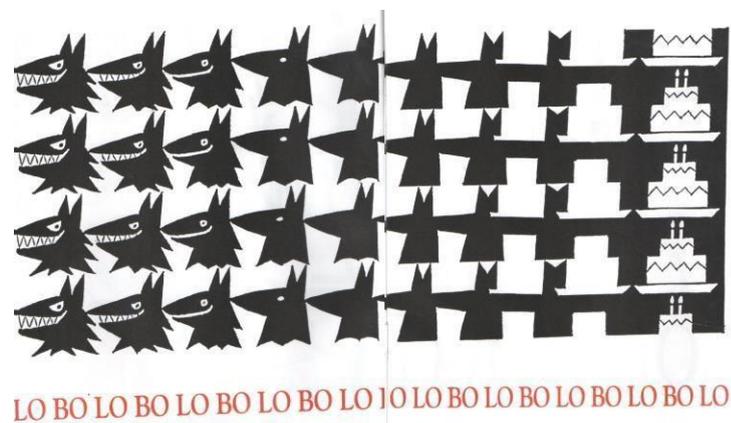
Figura 4 – Chapeuzinho perde medo do Lobo



Fonte: Buarque, 2006, p. 18

Assim, enquanto na primeira versão a jovem é retratada como alguém que deve obedecer e temer, na segunda, a menina enfrenta seus medos de maneira diferente. A protagonista, portanto, não é uma figura que se deixa levar pelo pavor, pelo contrário, ela busca entender e reconfigurar esse medo com bravura.

Figura 5 – Lobo se transformando em bolo



Fonte: Buarque, 2006, p. 19

Adiante, o autor observa que esse fenômeno reflete a tensão entre criatividade e produtividade na linguagem, revelando a capacidade da literatura infantil de reconfigurar narrativas tradicionais e ao mesmo tempo provocar reflexões críticas sobre o contexto social e ideológico em que estão inseridas. Diferente da versão tradicional, onde Chapeuzinho Vermelho é retratada como uma figura passiva e vulnerável, *Chapeuzinho Amarelo* apresenta uma menina que, ao confrontar seus medos, personificados no lobo, embarca em uma jornada de autodescoberta e coragem.

Ao analisar *Chapeuzinho Amarelo* é possível perceber como Chico Buarque utiliza a narrativa para abordar temas como o medo e a superação, ressaltando a importância da autoafirmação em um contexto sociocultural em transformação que reflete a busca por liberdade e a superação de limitações impostas, mas também promove uma mensagem de empoderamento, da manifestação dos oprimidos (Rangel; Sendra, 2017). Se antes nos deparamos com contos de fadas que tinham um cunho didático voltado para as preocupações da época (como evitar que crianças se tornassem vítimas de abusos) hoje, se configura como um enfrentamento: encoraja-se a criança para que ela, ao crescer, saiba lidar com o mundo de maneira segura e inteligente.

A utilização de metáfora no diálogo entre Chapeuzinho e o Lobo, reforça a análise sobre a sexualidade. Paul Ricoeur (2005) aponta que a metáfora denota a diferença entre o que está escrito e o sentido virtual, ao mesmo tempo em que conota um conjunto de valores culturais:

- Minha avó, como você tem braços grandes!
– É pra te abraçar melhor, minha filha.
 - Minha avó, como você tem pernas grandes!
– É pra correr melhor, minha menina.
 - Minha avó, como você tem orelhas grandes!
– É pra escutar melhor, minha menina.
 - Minha avó, como você tem olhos grandes!
– É pra ver melhor, minha menina.
 - Minha avó, como você tem dentes grandes!
– É pra te comer.
- (Perrault, 2010, p. 80).

Diante disso, as respostas do Lobo têm uma interpretação sexual, possuindo uma certa intenção em seduzir Chapeuzinho. Apesar do teor da conversa, Chapeuzinho não parece assustada, mas de alguma forma até curiosa (Menezes, 2010). Segundo Silva (2013),

o lobo pode ser interpretado como uma representação do homem, dessa forma Chapeuzinho passa a confrontar uma realidade que ainda não compreende.

A partir disso, percebe-se que o medo na literatura infantil é representado de acordo com o contexto sociocultural que está inserido. Enquanto nas narrativas mais antigas essa representação muitas vezes servia como um mecanismo de controle, nas obras contemporâneas ela é reinterpretada como uma oportunidade de superação. Essa evolução reflete as mudanças nos valores e nas perspectivas da sociedade ao longo do tempo.

4 CONCLUSÃO

Em suma, a análise da representação do medo na literatura infantil, com foco nas obras *Chapeuzinho Vermelho* e *Chapeuzinho Amarelo*, mostra que o medo é abordado e representado de maneiras diversas dependendo dos diferentes contextos sociais e temporais, refletindo as particularidades de cada época. Nota-se que a literatura tem o importante potencial de carregar, em si, a memória de um determinado povo ao longo da história. Assim sendo, enquanto a versão de Perrault espelha uma sociedade europeia do século XVII, a de Buarque reflete a sociedade brasileira do século XX, conferindo à literatura o caráter de manifestação cultural e social. Assim, ela impacta de maneiras significativas o desenvolvimento emocional do leitor ao longo do tempo, pois por mais que este se situe em um contexto muito distante do outro, permanece sendo uma criança.

Diante disso, percebe-se que enquanto Perrault constrói o medo como um elemento de controle, e que dialoga com a sociedade europeia da época, Buarque o desconstrói através de uma perspectiva que abrange os desafios e angústias de uma sociedade brasileira de sua época com o incentivo de superá-los. Essa análise, portanto, revela o medo como emoção fundamental na formação da criança, podendo, a depender de sua abordagem, servir tanto como um elemento limitante quanto como um desenvolvimento da capacidade de superação.

Além disso, a pesquisa demonstra o impacto que a literatura infantil pode ter na formação do indivíduo, destacando seu papel educativo e psicológico ao proporcionar experiências e compreensões de diferentes emoções. Dessa forma, não somente enriquecem o universo imaginário das crianças, mas também de ferramentas que as ajudem a vivenciar suas emoções de maneira mais consciente.

Por fim, a contribuição deste estudo está direcionada à ampliação do entendimento sobre o modo em que a literatura infantil trata o medo, uma emoção que deve ser vivenciada pela criança, de forma pedagógica, além de estimular um olhar crítico sobre como cada narrativa pode moldar a percepção de medo e sua vivência durante a infância. Por fim, é preciso que investigações futuras se dediquem à exploração da riqueza que possui a literatura infantil, uma vez que suas narrativas são essenciais para a formação de indivíduos emocionalmente saudáveis e culturalmente conscientes.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Rio de Janeiro: LCT, 1978.
- AZEVEDO, R. Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 27, 1999.
- BAPTISTA, A.; CARVALHO, M.; LORY, F. O medo, a ansiedade e as suas perturbações. **Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 267-277, 2005.
- BETTELHEIM, B. **Psicanálise dos Contos de Fadas**. Lisboa: Bertrand Editora, 1998.
- BONOTTO, M. E. K. Chapeuzinho Amarelo e a desconstrução do medo. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 55-68, jan./jun. 2003.
- BUARQUE, C. **Chapeuzinho Amarelo**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CANTON, K. **Narrativas enviesadas**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- COELHO, N. N. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- DORÈ, G. **Chapeuzinho vermelho**. Encantamentos da Literatura, 2010. Disponível em: <https://encantamentosaliteratura.blogspot.com/2010/04/chapeuzinho-vermelho-gustave-dore.html>. Acesso em: 1 out. 2024.
- GUIMARÃES, C. M. A história da atenção à criança e da infância no Brasil e o surgimento da creche e da pré-história. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 80-142, 2017.
- GUIMARÃES, E. J. **As formas do medo em literaturas infantil/juvenil de língua portuguesa: da exemplaridade à busca de alternativas para a superação**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- MENEZES, I. **Intervenção comunitária: uma perspectiva psicológica**. Porto: Livpsic/. Legis Editora, 2010.
- PAIVA, M. M. F. S. **Medos em Crianças Sobredotadas e Estratégias Cognitivas, Emocionais e Comportamentais Utilizadas**. 2014. 102f. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia, Lisboa, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/20242>. Acesso em: 19 jul. 2024.

PERRAULT, C. Chapeuzinho Vermelho. *In*: MACHADO, A. M. **Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 77-82.

PIRES, M. L. B. Importância e evolução da literatura infantil. Ensaio: notas e reflexões. **Universidade Aberta**, Lisboa, p. 311-330, 1985. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/435?locale=en>. Acesso em: 20 jul. 2024.

RANGEL, I. R. da G.; SENDRA, A. P. **Chapeuzinho Vermelho**: de Perrault ao ciberespaço. Campos dos Goytacazes: Essentia Editora, 2017.

RICOEUR, P. **A metáfora viva**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ROTHBART, M. K. Emotional development: Changes in reactivity and self-regulation. *In*: EKMAN, P.; DAVIDSON, R. J. (eds.). **The nature of emotion**: Fundamental questions. New York: Oxford University Press, p. 369-372, 1994.

SANTOS, L.C.; TEIXEIRA, C.C. Atração e medo da criança na literatura infantil. **Revista Multidebates**, Palmas, v. 5, n. 1, 2021.

SILVA, N. P. **Literatura infantil e os conflitos emocionais na infância: tecendo caminhos para uma pedagogia das emoções**. 2013. Associação de Leitura do Brasil. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem15/COLE_3906.pdf. Acesso em: 18 jul. 2024.

SILVA, R. D. C. Chapeuzinho Vermelho. **Dia a Dia da Educação**, Curitiba, 2013. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2011/historia/4d_alvo_raimundo_artigo2.pdf. Acesso em: 25 set. 2024.

SOLOMON, R. C. The cross-cultural comparison of emotion. **Emotions in Asian thought**, Albany, p. 253-294, 1995.

STORCH, C. R. L. **Estudo sobre os fatores de medo e os fatores de proteção na infância em uma visão Junguiana**. 2016. Criação de Instrumento para Avaliar Medo e Proteção na Infância. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

VYGOTSKY, L. S. **O desenvolvimento Psicológico na Infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WALLON, H. **Del acto al pensamiento**: Ensayo de psicología comparada. Buenos Aires: Lautaro, 1947.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 5. ed. São Paulo: Global, 1985.